

TEMER FORMIGAS, DESCONFIAR DOS PASSARINHOS: ENCONTROS, MOVIMENTOS E AFETOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

MARIA ANGÉLICA DA SILVA

Doutora em História Social pela Universidade
Federal Fluminense – UFF
Architectural Association School – AA, Londres
Professora Titular da Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da UFAL
Email: mas.ufal@gmail.com

Trata-se de uma reflexão sobre o tema da pandemia circunscrito pelo seu contexto de ocorrência: o mundo contemporâneo das intensas trocas e movimento. Aborda o papel da cidade versus a pandemia, e os sucessivos ganhos da urbanização nos últimos séculos onde se inclui o agronegócio e o domínio do meio ambiente. O estudo é fruto de um interesse que cruza a vida urbana, o lugar do corpo, da natureza e das mídias perguntando, dentre outras questões, acerca da legitimidade da hegemonia humana sobre os outros seres vivos. Este interesse vem sendo abordado no decorrer de vários projetos de pesquisa e orientações acadêmicas. Metodologicamente, apoia-se em um levantamento diário acerca do tema da pandemia em fontes digitais e na observação dos lugares urbanos durante este contexto. A problemática que a pesquisa busca enfrentar é como localizar as questões que levariam a estruturar novas alternativas pós pandemia, voltadas, a uma vida solidária favorável à sustentabilidade social e ambiental. As conclusões apontam para os caminhos que a dúvida e a poesia podem responder...

Palavras-chave: Cidades. Corpo. Controle social.

Recebido em: 04/06/2020
Aceito em: 11/08/2020

INTRODUÇÃO

Cidades são lugares que ancoram seus sentidos nas trocas, encontros e movimentos. Nos tempos atuais, mais efetivamente nestes meses que iniciaram 2020, vivemos a estranha experiência de habitantes da cidade, não efetivamente habitá-la na sua plenitude.

Se não há encontro, a cidade torna-se ferida em seu coração. Contudo, não há como desconsiderar que, apesar de tudo, ela é a grande vitoriosa do século XXI. Cada vez mais habitamos cidades¹. Quais são as consequências desta atitude? Como avaliá-las em situações de catástrofe como a trazida pela pandemia de 2020?

DESENVOLVIMENTO

Tão forte foi a ação do mundo se tornar urbano que seus efeitos se prolongam para além das cidades e exige que pensemos no que foi chamado processo de globalização. Estudado mais intensamente a partir das décadas finais do século XX, hoje, este conceito foi atualizado a partir de várias tendências, dentre elas, a franciscana “a casa comum”². De fato, foi expulsando para os territórios que não eram ela, descartando outras atribuições, como até mesmo o ato fundamental de se responsabilizar por produzir a nutrição dos seus habitantes, que a experiência urbana se fez bem sucedida, concentrando-se mais ainda em ser cidade.

Assim, sua contrapartida, o mundo

¹Nos anos de 1800 cerca de 3% da população mundial vivia em cidades. Em 1950, um terço e em alguma altura do ano de 2006 a população mundial passou a ser predominantemente urbana (STEEL, 2013, p. 8).

² Ver, neste caso, https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf

rural e o chamado “mundo natural” foram gradativamente sendo colocados distantes. Desfazendo um pacto que existiu por séculos, com a prática do cultivo do alimento tendo seu lugar ciosamente reservado nos rossios, nos ermos, nas roças, nos quintais, estas áreas foram sendo expulsas para longe, descartadas da cidade. Distantes, invisíveis, continuaram, para servi-la, a receber cada vez mais pesadas incumbências. O campo, imaginado pelos cidadãos urbanos como os antigos sítios e fazendas que se avistavam da estrada, se desnaturalizaram se transformando em monótonas e quilométricas geometrias.

Pois, desenhar o urbano significou cada vez mais desenhar o rural e a floresta. Por milhares de anos, as cidades confiaram no campo para ter o alimento e viviam este propósito umbilicalmente. Mas, este laço se rompeu com a vitória da cidade. Exemplares icônicos como Londres, pioneira nos processos de industrialização mundial, ao modo da maioria das cidades atuais, é alimentada por uma rede internacional de suprimentos à qual se soma uma área produtora mais de cem vezes maior que a da própria cidade (STEEL, 2013, p. 7).

Celebra-se a vitória do agronegócio e também o descarte do meio ambiente. Os campos de grãos vão sendo substituídos pelos pastos. Os pesticidas e fertilizantes barateiam a comida. E, isto faz do campo um outro lugar. Além disto, a alimentação se sofisticou. A China por séculos foi um país cuja dieta era provida basicamente por arroz e vegetais, mas, em 1962, um chinês já comia quatro quilos de carne por ano e, em 2005, sessenta (STEEL, 2013, p. 9).

A questão é que essa produção de carne, além da grande área que demanda, também é responsável pela devastação das florestas. Dez milhões de hectares de árvores foram abatidos entre 2015 e 2020 (RELATÓRIO, 2020, p. XVI). E, com elas, uma quantidade incalculável de formas de vida, inúmeras delas desconhecidas. Em toda esta questão, seja pela floresta, seja pela produção, toma proeminência o Brasil através do Centro Oeste e da Amazônia, área na qual se junta o gado e a larga exportação de grãos e soja. Assim, destaca-se os negócios do país com a China. (STEEL, 2013, p. 9-10 e 43). Por outro lado, mais de 820 milhões de pessoas enfrentaram a fome em 2019 com possibilidade desse número crescer enormemente durante a pandemia (<https://news.un.org/pt/story/2019/07/1680101>).

As cidades, em especial as nomeadas metrópoles, se estendem acumulando blocos de cimento e asfalto prolongando-se sem fim, deixando espaço sufocado para árvores e flores e apagando com o frenesi das suas fitas de luzes, luas e estrelas. Avançam com seus tentáculos espaciais para muito além, até onde, há pouco tempo, não haveria sem nenhuma chance de um muro para tolhê-las.

Quando a peste ocorria nos tempos passados, ela levantava uma corrente de orações, penitências, promessas. Mas, em tempos em que o religioso parece derrotado, onde endereçar os apelos se não a nós mesmos?

Ao analisar a modernidade líquida, uma das ressalvas que Bauman coloca é que houve um acúmulo de responsabilidades que a criação da noção de indivíduo construiu ao longo do tempo. De fato, se a vida se simpli

ficou graças aos avanços como os das mídias, hoje somos responsáveis por realizar nossas compras sem ajuda, por gerenciar nossas contas bancárias, por não deixar de pagar os boletos e cuidar de nossa saúde.

E, nesse sentido, a vida selou-se às máquinas de uma maneira enérgica, mas também de forma sutil e definitiva mais que em qualquer tempo passado, visto não se tratar apenas dos parques industriais, da cozinha bem equipada que nos rememora o filme de Jacques Tati. Temos perto de nós o celular, o computador mas também de uma série de implantes que se ligam visceralmente ao nosso corpo, seja para prover o seu embelezamento, seja para atender à questão da saúde. Não só os cândidos óculos cujo uso já atravessou vários séculos, mas os sofisticados equipamentos cirúrgicos, os *scanners*, os aparelhos que auxiliam e realizam cirurgias, definitivamente marcando o passo dos nossos corações, por exemplo.

Quando a catástrofe ocorria era preciso se redimir dos pecados. E quando eles “não existem”? De fato, nestes meses que nos resguardamos do movimento da cidade, faz-se por outro lado, um outro movimento a favor da interioridade e, isso de fato, poderia nos ajudar a repensar a crise. Bauman falava “da enorme velocidade da mudança, do acelerado envelhecimento e da perpetuidade dos novos começos” (BAUMAN, 2001, p. 178). Acostumados à procrastinação, nos atormenta a pausa, o desacelerar, a impossibilidade de planejar os dias. Ou pelo menos, nossa atenção fica focada em quando tudo passará.

Mas o tempo presente possivelmente ganhou outros contornos, não só

o futuro. Uma das experiências marcantes deste tempo foi a criação de cronologias. Dia após dia, podemos acompanhar por exemplo, os dados de infectados, mortos, dos leitos disponíveis, o número dos recuperados. Enxergamos mais claramente o mundo que se encolheu. Interessa-nos saber como a Noruega, a Suécia, a Nova Zelândia, todo o Oriente, a África, estão lidando com o tempo presente. E nos comparamos em estratégias e sobretudo em números o que a pandemia vem realizando. Adentramos nas tabelas e infográficos dos países e cidades afetados, mas também querendo saber o que ocorre na escala dos bairros, na nossa vizinhança.

E neste adentrar dos números, o tempo também precisou ser medido para quem pretendia se posicionar intelectualmente sobre o evento. E, assim, entre os inúmeros esforços editoriais que surgiram, podemos destacar a famosa Sopa de Wuhan. Como ocorre de forma frequente nos romances, contos e diários pessoais, os autores precisaram datar seus artigos com dia, mês e ano. O tempo se torna algo cada vez mais numérico, progressivo mas também, como não admitir, tênue. O que se afirma num dia não se confirma no outro. Esta estratégia aponta para a necessidade de precisão, mas também para o esfacelamento de qualquer posição que se queira firmar. A liquidez, o desatino dos fatos, concede mesmo ao pensamento profundo e sistematizado, a duração de uma gota de orvalho.

Há muitas perguntas que atravessam os artigos, sobretudo o que virá depois: se uma afirmação mais acentuada ainda do capitalismo ou uma “solidariedade global” (ŽIŽEK *apud* AMADEO, 2020, p. 22).

Fala-se em desaceleração e diversos termos que apontam para um outro contexto possível. Mas, o que se pode simplesmente confirmar, no argumento de vários autores, é a constatação do acirramento da condição que o mundo vinha construindo antes da pandemia. Do excesso de consumo, de movimento, de *stress*, tirando o foco do que realmente importa na existência humana. Poderiam ser elas os afetos, as formas de se colocar criativamente no mundo? E confirma-se também que, de várias maneiras, o vírus persegue as condições de classe, afetando sempre os menos providos de recursos, entre eles, de espaço. Como realizar a quarentena quando os poucos ou o único cômodo da casa é irremediavelmente compartilhado?

No Brasil, se a crise começa nos bairros da classe média e alta, ao cabo de dois meses ela se alastra com muito mais força nas regiões carentes do país. De São Paulo e Rio, migra para os estados que compõem nos primeiros mapeamentos, isentos da doença. Invade o Amapá e se faz catástrofe no Amazonas e Ceará, seguindo não mais o rastro dos viajantes de elite, mas a listagem decrescente de números de leitos disponíveis nos estados da federação.

Também o que se escreve aqui é datado. O que ocorrerá amanhã? Contudo, sabe-se que o corpo está no centro deste processo. Celebramos as possibilidades que o digital nos fornece graciosamente. Aulas e trabalhos em

remoto, *lives*, contatos com parentes e amigos, *matches* e *crush*. Um avassalador conjunto de informações comparece serenamente como se fossem descompromissados com o vírus, como se não guardassem qualquer relação com o afastamento da matéria, do lugar do corpo, da mão que toca a terra, da vontade de brincar. E se evoca Foucault. A pandemia, faz da casa uma “prisão branda” nas palavras de Paul B. Preciado.

El sujeto del technopatriarcado neoliberal que la Covid-19 fabrica no tiene piel, es intocable, no tiene manos. No intercambia bienes físicos, ni toca monedas, paga con tarjeta de crédito. No tiene labios, no tiene lengua. No habla en directo, deja un mensaje de voz. No se reúne ni se colectiviza. Es radicalmente individuo. No tiene rostro, tiene máscara. Su cuerpo orgánico se oculta para poder existir tras una serie indefinida de mediaciones semio-técnicas, una serie de prótesis cibernéticas que le sirven de máscara: la máscara de la dirección de correo electrónico, la máscara de la cuenta Facebook, la máscara de Instagram. No es un agente físico, sino un consumidor digital, un teleproductor, es un código, un pixel, una cuenta bancaria, una puerta con un nombre, un domicilio al que Amazon puede enviar sus pedidos.³ (PRECIADO apud AMADEO, 2020, p. 178-179).

As trocas através do corpo podem comparecer como antídoto? Como forma de contrabalançar o que parece definitivamente entregue? Não

³ “O sujeito do tecnopatriarcado neoliberal que o Covid-19 fabrica não tem pele, é intocável, não tem mãos. Ele não troca bens físicos ou toca em moedas, ele paga com cartão de crédito. Não tem lábios, não tem língua. Ele não fala ao vivo, ele deixa uma mensagem de voz. Não se reúne nem se coletiviza. Ele é radicalmente indivíduo. Não tem rosto, tem máscara. Seu corpo orgânico se oculta para poder existir após uma série indefinida de mediações semiotécnicas, uma série de próteses cibernéticas que lhe servem de máscara: a máscara do endereço do correio eletrônico, a máscara da conta do Facebook, a máscara do Instagram. Não é um agente físico, mas um consumidor digital, um teleprodutor, é um código, um pixel, uma conta bancária, uma porta com um nome, um endereço para o qual a Amazon pode enviar seus pedidos.” (T.A)

estamos presos nas nossas casas, mas frente a telas luminosas, provedoras de tudo. Do alimento que chega na porta, da notícia bizarra, mas também, claro, dos gestos comoventes de solidariedade. Das canções entoadas nos balcões das casas italianas, nos aniversários comemorados à distância, das informações úteis, do prestígio de serviços movido apenas pela generosidade.

Mas é pela ação do vírus que se desacelera o ritmo das paisagens e se limpa o ar, que acessamos céus mais azuis, o roçar das borboletas, as tartarugas se refastelando nas ondas da nossa praia preferida, como nunca havíamos visto. Nossas cidades se mostram desabitadas e assim, outras. Flusser teria razão quando nos provoca com o mundo anterior às máquinas?

A história do Ocidente é a progressiva substituição das “coisas da natureza” por instrumentos que são produtos do trabalho manipulador do espírito sobrenatural. A natureza fica aniquilada. A festa pagã, fundamento de toda civilização, é uma orgia na qual o homem se confunde com a natureza. A civilização ocidental acaba com essa festa. (FLUSSER, 2002, p. 109)

Ou quando belamente diz “Tendo sido elaboradas as tábuas das marés, nunca mais poderá o mar servir de berço à Afrodite, a nascida da espuma.” (FLUSSER, 2002, p. 95).

Crianças urbanas contemporâneas temem formigas, não sabem de galinhas no quintal. Seus animais de estimação se denominam pets e dormem no sofá. Elas desconfiam dos seres que batem asas. Diferente do poeta, que quer “a palavra que sirva na boca

dos passarinhos” (BARROS, 2010). Na sopa que cozinha outros seres de asas - morcegos e vampiros - entre autores esperançosos ou lacônicos, o único texto que exhibe um autor com nome oriental é o do sul coreano Byung-Chul Han. Nele, sem muitas delongas, estão postas as vantagens do sistema chinês sobre a Europa. Para o autor, o país usufrui de uma qualidade essencial para o combate à pandemia: a sociedade chinesa desconhece a expressão “esfera privada” (HAN *apud* AMADEO, 2020, p. 100). Advoga que, também no que diz respeito à pandemia, o futuro estará no controle que as mídias oferecem, tornando-se detentor de inúmeras vantagens quem dispuser do mais largo database. Para ele, a pandemia na China não teria sido vencida sem uma rigorosa vigilância digital. Teriam sido medidas essenciais construir umbrais imunológicos e fechar fronteiras (BYUNG-CHUL *apud* AMADEO, 2020, p. 108).

Considerando as várias opiniões, que localizam a crise atingindo o Capital, ou apenas se pondo como mais uma estratégia do seu fortalecimento, sem dúvida, há de se concordar que o vírus se instala no corpo. Na matéria física. E deixa-nos pensar sobre biologias. Como o corpo nos posiciona no mundo. Poderia talvez ele próprio nos ensinar a protegê-lo quando tudo vira simplesmente conexão?

Nesses meses de quarentena, ouço os pássaros todos os dias mas quase não me recordo do ausente barulho de asas metálicas. Dos aviões... Seria a hora de se propor compartilhar de uma outra forma o mundo com seus outros seres, para além dos humanos? Mas a máquina que torna o humano, humano, não pode parar...

O gesto de fazer é um gesto de ódio ao mundo. As mãos não permitem ao mundo que seja como é, violam o mundo. Por isso, para o observador externo as mãos devem ser peças repugnantes no mundo. Mas a última fase do gesto mostra tratar-se de gesto de amor ao outro. As mãos violam o mundo por amor ao outro. Por isso, para o observador humano, as mãos são as fontes dos valores. Buscam a verdade e o bem e semeiam em torno de nós toda a beleza. (FLUSSER, 2014, p. 97)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixa-se aqui a guisa de conclusão, que se repensem os caminhos. Somos todos conexão mas também somos todos filhos da natureza. Traçar fronteiras entre estes dois estados? Repensar o lugar da cidade? Certamente, nestes

tempos, estamos frente à avaliação do que viemos produzindo. A pandemia é risco de vida. Mas também decreta, além de todos em casa, para a maioria de nós, a pausa. Como será nossas vidas no futuro depende do que esta pausa significou. Abrimos mão de uma série de itens de consumo, da viagem, campeã entre as maiores satisfações do mundo ocidental. As mãos descansaram e a casa comum se tornou mais serena. Já se antevê algum sinal?

AGRADECIMENTOS

“Agradeço aos discentes das turmas de graduação e pós de 2016 por seus trabalhos utilizados neste texto e à Jaianny Duarte pela curadoria das imagens.” - Maria Angélica, autora.

Figura 1: Imagens de exercícios coletivos buscando expressar pelo corpo, a obra de arquitetura. (Foto divulgação).
Fonte: Autora, 2016.





Figura 2 e 3: Imagens de exercícios coletivos buscando expressar pelo corpo, a obra de arquitetura. (Foto divulgação).
Fonte: Autora, 2016.



Figura 4 e 5: Imagens de exercícios de inspeção do próprio corpo.
Fonte: Autora, 2016.



REFERÊNCIAS

AMADEO, Paulo (ed). **Sopa de Wuhan:** Pensamento contemporâneo em tempos de pandemia. Disponível em: <http://tiempodecrisis.org/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acesso em 3 abr. 2020.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa.** São Paulo: Leya, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

FAO & UNEP. **The state of the world's forests: forests, biodiversity and people.** Roma: The State of World Series, 2020.

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade.** São Paulo: Escrituras, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Gestos.** São Paulo: Annablume, 2014.

STEEL, Carolyn. **Hungry city: how food shapes our lives.** Londres: Vintage Books, 2013.